

1
2
3
4
5
6
7

O ACUSATIVO LATINO VULGAR: UMA VISÃO DIACRÔNICA SOBRE A FORMAÇÃO DAS PALAVRAS PORTUGUESAS

Luiz Gomes de Oliveira Neto (UECE; UCAM)
luizjucas@hotmail.com

8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

RESUMO

Neste artigo expomos primeiramente sobre o latim como sendo evolução de uma língua primitiva a qual os linguistas denominam indo-europeia. À luz dessa teoria evolutiva das línguas, comentamos que tanto o português como as outras línguas românicas evoluíram de um latim falado, não escrito como Silvio Elia (1979) salienta. Baseando-se em Marcos Bagno (2007) em capítulo sobre a fonética histórica e a partir de sua exposição sobre os metaplasmos, este trabalho tem como objetivo demonstrar vários fenômenos evolutivos que ocorreram nas palavras latinas bem como discorrer sobre o acusativo latino vulgar e a sua preponderância no léxico português. Explicamos, por fim, a partir dos conhecimentos expostos, os processos pelos quais alguns vocábulos do acusativo latino passaram até se tornarem vocábulos portugueses. Assim esperamos contribuir para as pesquisas e estudos sobre essa temática ora esquecida nos meios universitários.

20
21
22

Palavras-chave: Acusativo. Metaplasmos. Diacronia.

1. Introdução

23
24
25
26
27
28
29
30
31
32

Apesar de todo o limbo que os estudos clássicos sofrem pela universidade moderna, a língua latina ainda hoje fascina a todos aqueles, amantes da cultura romana, e que procuram, através do seu estudo, compreender os textos literários e o *modus vivendi* dos filhos de Marte¹. Entende-se atualmente que a língua latina bem como o grego e outras tantas línguas europeias, devido à grande similaridade entre si, sejam a evolução de uma língua patriarcal de um povo chamado pelos linguistas de indo-europeu que tenha vivido e se espalhado pela Europa e parte da Ásia a cerca de sete mil anos. Rodrigo Tadeu Gonçalves em sua obra *Língua Latina* (2010) assim assinala:

33
34
35

Ao longo principalmente do século XVIII, estudiosos europeus interessados em várias línguas e culturas começaram a perceber similaridades muito claras entre palavras de línguas que já se sabia serem aparentadas, como o

¹ Segundo a lenda, os gêmeos Rômulo e Remo são filhos da vestal Reia Silva e de Marte, deus da guerra. Rômulo constrói os fundamentos do grande império que se tornaria Roma.

1 grego e o latim, e línguas de regiões muito afastadas da Europa Ocidental,
2 como o sânscrito, língua sagrada da civilização dos vedas, da Índia. (GON-
3 ÇALVES, 2010, p. 12)

4 A língua latina, portanto, como qualquer outra, evoluiu e se trans-
5 formou em diversas línguas as quais hoje são faladas na Europa e em di-
6 versas partes do globo terrestre. Porém, devemos compreender que a lín-
7 gua portuguesa, como as demais românicas, originou-se do latim vulgar,
8 modalidade inculta da língua, falada pela plebe que se constituía por co-
9 merciantes, soldados, cortesãs e demais cidadãos do *vulgus*. Também
10 chamado de *sermo vulgaris*, essa modalidade da língua para Theodoro
11 Henrique Maurer Jr (1962) é a falada pelas classes mais baixas da popu-
12 lação e, se havia constituído numa espécie de *koiné* da massa popular.
13 Sílvio Elia em *Preparação à Linguística Românica* (1979) admoesta que

14 [...] as línguas neolatinas não continuam o latim que se ensina nas escolas, o
15 chamado latim clássico, de natureza literária, e sim uma variante desse latim,
16 falado e não escrito, que se costuma denominar *latim vulgar*. Ora, o *latim vul-*
17 *gar*, exatamente por ser falado, somente pode ser conhecido indiretamente e é
18 na verdade um produto do método histórico-comparativo [...]. (ELIA, 1979, p.
19 3)

20 O filólogo carioca, na mesma obra, ainda explicita:

21 Era o latim vulgar língua falada, não escrita. Língua da conversação diá-
22 ria, praticada por pessoas pertencentes a várias classes sociais, mas sem qual-
23 quer intenção que não fosse a de intercâmbio de indivíduo a indivíduo, por sua
24 natureza refugia à fixação pela escrita, indispensável apenas quando se trata da
25 perpetuação de obras literárias ou da preservação de textos, como os das leis,
26 que se impõem ao conhecimento de uma coletividade. (*Idem, ibidem*, p. 26).

27 Sendo o latim vulgar, língua de comunicação, por isso dinâmica e
28 mais aberta às influências de outras línguas de substrato e superstrato², e
29 devido também à extensão do Império Romano e à ocupação dos roma-
30 nos em diferentes períodos da história. Portanto, dessa modalidade de
31 língua flexível, falada pela plebe, pelos soldados, prostitutas, comercian-
32 tes das várias partes do Império, tem-se hoje, além do português, o espa-
33 nhol, o italiano, o francês, o franco-provençal, o rético, o catalão, o sardo,
34 o provençal, o romeno e o dalmático.

35 No tocante à língua portuguesa, Marcos Bagno (2007) aponta que:

² Substrato linguístico *grossa modo* é quando o conquistador assimila certos traços da língua do conquistado. Superstrato linguístico, por sua vez, é quando a língua desaparecida do conquistador deixa marcas de seus hábitos na língua do povo conquistado.

1 Os complexos desenvolvimentos históricos por que passou a região que
2 viria a se constituir no estado independente chamado Portugal estão bem refle-
3 tidos na composição heterogênea do *léxico* da língua portuguesa. Evidente-
4 mente, por ser o português uma língua *românica*, seu léxico é na essência de
5 origem *latina*, de modo que o latim constitui o *estrato* principal do seu voca-
6 bulário. (BAGNO, 2007, p. 50)

7 Evidentemente que nem todas as palavras da língua portuguesa
8 são latinas. Algumas delas provieram por meio do substrato ibérico, tais
9 como: bizarro, bezerro³; outras de substrato céltico: camisa, cabana. Do
10 superstrato germânico provieram: guerra, trégua. Outras dos superstratos
11 árabes, povo que permaneceu na Península Ibérica por mais de sete sécu-
12 los, vocábulos como algodão, açúcar; e por muitos outros empréstimos
13 linguísticos: chapéu, filme⁴.

14 15 2. *O acusativo latino: caso lexicogênico do português*

16 Natural seria também que os povos das várias regiões ocupadas
17 pelos romanos, os quais falavam diversas línguas indígenas, ao contato
18 com o latim imposto pelos conquistadores, assimilassem a língua de dife-
19 rentes modos. Eduardo Carlos Pereira (1935) ratifica que:

20 A evolução fonética opera-se por uma modificação espontânea e incons-
21 ciente dos phonemas vocabulares, sob o influxo do meio ou das aptidões vari-
22 aveis do aparelho de fonação. Deste modo, os vocabulos latinos foram-se
23 transformando, na bocca do povo e das gerações, sem intervenção da vontade
24 humana [...]. (PEREIRA, 1935, p. 43)

25 Sobre o léxico das palavras portuguesas analisaremos a sua for-
26 mação a partir das palavras latinas do caso lexicogênico, ou seja, o acusa-
27 tivo, caso latino de onde provieram a maioria das palavras, não somente
28 as do português, como também as do espanhol. Em obra já citada Marcos
29 Bagno comentando sobre a redução dos casos latinos, assim reitera:

30 O resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram no latim
31 vulgar: o *nominativo* e o *acusativo*, ou seja, um *caso reto* (sujeito) e um *caso*
32 *oblíquo* (complementos). Depois dessa redução, as funções que eram inerentes
33 aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com preposição. Desse modo,
34 coube ao acusativo precedido de *de* e *ad* a expressão do genitivo e do dativo; e
35 regido pelas preposições *de*, *per* e *cum*, a expressão do ablativo. Na Península
36 Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusa-

³ Marcos Bagno (2007) em *op. cit.* salienta que esses vocábulos são de origem discutível, embora, em sua maioria, devam ser provenientes do basco.

⁴ Do francês e do inglês, respectivamente.

1 tivo. Daí se dizer que o acusativo, em português (e em espanhol) é o *caso lexi-*
2 *cogênico*, ou seja, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que
3 se originou o léxico dessas línguas. (BAGNO, 2007, p. 29)

4 Partindo de conhecimentos acerca dos metaplasmos, que são mu-
5 danças ocorridas na estrutura da palavra, mostraremos as transformações
6 por que as palavras latinas sofreram até às palavras portuguesas. Essas
7 mudanças podem ocorrer por acréscimo de um segmento sonoro no iní-
8 cio da palavra, chamado de prótese, como em *spiritu* > espírito⁵; por
9 acréscimo no meio da palavra (epêntese): *stella* > estrela⁶; por acréscimo
10 no fim da palavra (epítese): *ante* > antes. As transformações também po-
11 dem ocorrer por meio de supressão. Quando a supressão se dá no começo
12 da palavra, chamamos aférese: *episcopu* > bispo; quando no meio da pa-
13 lavra (síncope): *malu* > mau; e quando no fim (apócope): *male* > mal.
14 Além destes, há os metaplasmos por transposição. Quando o segmento
15 sonoro ocorre na mesma sílaba, temos a metátese: *pro* > por. Se em síla-
16 ba diferente ocorre a hipótese: *capio* > caibo. O hiperbalismo, por sua
17 vez, é o deslocamento do acento tônico: *idólu* > ídolo, *integru* > inteiro⁷.
18 Entre os metaplasmos por transformação destacaremos a vocalização e a
19 sonorização. Na primeira, um som consonantal é transformado em vocá-
20 lico: *nocte* > noite; *regnu* > reino. Na segunda uma consoante surda se
21 transforma em sua sonora homorgânica. Sobre esse assunto Marcos Bag-
22 no (2007) confirma:

23 A sonorização (ou *abrandamento*) é a transformação de uma consoante
24 surda na consoante sonora homorgânica. As consoantes latinas /p, t, k, f, s/
25 quando mediais intervocálicas se sonorizaram regularmente em português em
26 /b, d, g, v, z/: *lupu* > lobo; *uita* > vida; *caecu* > cego; *profectu* > proveito;
27 *acutu* > agudo; *acetu* > azedo; *vicinu*; vizinho.

28 Também ocorreu o abrandamento /b/ > /v/, classificado de *degeneração*:
29 *rabia-* > raiva; *rubeu-* > ruivo; *arbore* > árvore. (BAGNO, 2007, p. 11)

30 Todo esse cabedal teórico, extraído mormente de Marcos Bagno
31 (2007), ser-nos-á de grande aproveitamento para explicarmos científica-
32 mente os processos ocorridos nas transformações dos vocábulos latinos
33 em portugueses.

⁵ Observemos que a primeira forma é do caso acusativo latino já com a queda (apócope) do *-m* final, fenômeno esse ocorrido há muito no próprio latim vulgar. A segunda forma é a escrita atual da palavra em português.

⁶ Notemos nessa palavra que houve além da epêntese a prótese (Vide *spiritu* > espírito).

⁷ No primeiro vocábulo ocorreu a sistole que acontece quando o acento tônico recua para a sílaba anterior. No segundo ocorreu a diástole já que o acento tônico recuou para a posterior.

1 No latim clássico, devido à terminação dos nomes, estes se dividi-
2 am em cinco declinações. O que identificava a qual declinação o nome
3 pertencia era a desinência do genitivo singular. Baseados na *Gramática*
4 *de Latim* de Leo Stock (2000) e na *Gramática Latina* de Napoleão Men-
5 des de Almeida (2000), coletamos alguns vocábulos para utilizarmos
6 como *corpus* a fim do desenvolvimento da pesquisa⁸: *stella, stellae; lu-*
7 *pus, lupi; libertas, libertatis; passus, passus; luxuries, luxurie*⁹. Por ser o
8 latim uma língua sintética visto que exprimia as funções sintáticas atra-
9 vés das desinências justapostas ao nome substantivo e adjetivo, uma pa-
10 lavra podia apresentar várias formas diferentes, a depender do caso, ou
11 seja, da função sintática que ela exercesse na frase. Havia, além do nomi-
12 nativo e do genitivo, acima mencionados, os casos: vocativo, caso do
13 apelo; o dativo, que exercia a função de objeto indireto; o ablativo, caso
14 do adjunto circunstancial; e o acusativo, caso do objeto direto¹⁰. No latim
15 vulgar, como comenta Silvio Elia (1979) além da redução das declina-
16 ções, as quais passaram a somente três, houve também a diminuição dos
17 casos os quais podiam ser reduzidos a apenas dois: o do caso reto que
18 compreendia o nominativo e o vocativo e o do oblíquo para os demais
19 casos. Embora algumas línguas como o italiano e o romeno formem o seu
20 léxico de palavras oriundas do nominativo latino, o acusativo, porém,
21 acabou por suplantá-lo nas línguas românicas.

22 Ismael de Lima Coutinho (1954) comentando sobre os casos lexi-
23 cogenéticos assim confirma:

24 (...) em certas regiões, prevaleceu o nominativo, em outras o acusativo. O pri-
25 meiro se manteve no romeno, no italiano, no provençal, francês antigo, rético
26 e o segundo se conservou nas línguas românicas, na qual não se verificara a
27 queda do S final, como no português e no espanhol, por exemplo: *vitas* – vida;
28 *libros* – livros. (COUTINHO, 1954, p. 237)

29 Dos paradigmas apresentados acima, ocorreram as seguintes
30 transformações nos vocábulos latinos até evoluir aos atuais portugueses.
31 A desinência *m*, característica do acusativo singular, se perdeu cedo no

⁸ A primeira palavra dada está no caso nominativo singular (sujeito) a segunda no genitivo singular (adjunto adnominal restritivo).

⁹ Nos dicionários latim-português geralmente aparece a forma completa do nominativo e somente a desinência do genitivo singular: *stella, ae*. A tradução desses vocábulos é respectivamente: estrela, lobo, liberdade, passo e luxúria.

¹⁰ Notemos que os casos dativo, genitivo e acusativo podiam exercer outras funções sintáticas. O acusativo, por exemplo, é o caso principal do infinitivo com acusativo como em: *Paulus Deum bonum dicere* (Paulo diz que Deus é bom).

1 latim. Portanto, o étimo das palavras estrela, lobo, gênero, passo e luxú-
2 ria; é respectivamente: *stella*, *lupu*, *libertate*, *passu* e *luxúria*¹¹. Em *stella*
3 houve a prótese de um *e* no início e a epêntese de um *r* no meio da pala-
4 vbra. Em *lupu* ocorreu a transformação da consoante surda *p* em sua ho-
5 morgânica sonora *b*. Neste, como em *passu*, ocorreu a transformação do
6 *u* átono em um *o* também com a mesma intensidade¹². Em *libertate* as
7 duas consoantes surdas que iniciam as duas últimas sílabas se transfor-
8 maram em sonoras (*t > d*).

9 No tocante ao plural, as palavras portuguesas fazem o plural em
10 sua maioria com *s*, desinência do acusativo plural latino. Essa desinência,
11 diferentemente da do acusativo singular, não caiu no latim vulgar nem
12 nas línguas românicas que tem o acusativo como caso gerador das pala-
13 vras do seu vernáculo. Eis o plural das palavras supracitadas, tanto em
14 acusativo plural latino como em português: *stellas > estrelas*; *lupos > lo-*
15 *bos*; *libertates > liberdades*; *passos > passos*¹³; *luxurias > luxurias*¹⁴.

16 Marcos Bagno (2007) ainda destaca que mesmo o acusativo latino
17 sendo o caso lexicogênico da língua portuguesa, algumas palavras provi-
18 eram de outros casos. Do nominativo alguns nomes próprios como Deus
19 e Cícero; nomes eruditos: sóror, virgo; pronomes pessoais do caso reto e
20 os demonstrativos: este, esse e aquele. Do genitivo, palavras compostas
21 eruditas como aqueduto (*aquae + duto*). Do dativo, a palavra crucifixo
22 (*cruci + fixu*) e alguns pronomes. Do ablativo poucos como o advérbio
23 agora (*hac + hora*).

24 25 3. Conclusão

26 Neste artigo nos propomos a realizar uma análise diacrônica sobre
27 a transformação das palavras do latim vulgar em vocábulos portugueses.
28 Consultamos algumas obras que tratavam desse assunto e destas coleta-

¹¹ No latim vulgar os nomes da quarta declinação se fundiram com os da segunda devido à similaridade e os da quinta se dividiram entre os da primeira e os da terceira. Sendo assim, o vocábulo português luxúria vem de luxuria, acusativo singular da primeira declinação sem a partícula *m*. No próprio latim clássico encontramos *luxuriēs*, *ei* ao lado de *luxúria*, *ae*.

¹² Em *lupu*, foi dupla a transformação de *u* para *o* (*lupu > lobo*).

¹³ Como dissemos no latim vulgar as palavras da quarta declinação passaram para as da segunda; daí o plural em *os*.

¹⁴ Em *lupu*, foi dupla a transformação de *u* para *o* (*lupu > lobo*).

1 mos material para usarmos em nossas pesquisas. Esse material compre-
2 endia além dos estudos sobre as espécies e subespécies dos metaplasmos,
3 também palavras com as quais trabalhamos o fenômeno da evolução his-
4 tórica da língua.

5 A partir do conhecimento exposto sobre as transformações fonéti-
6 cas, utilizamos também de outras obras para extrair vocábulos latinos a
7 fim de explicar a sua evolução a partir do acusativo latino vulgar.

8 Percebemos através de nosso trabalho o quão valioso é, não so-
9 mente o conhecimento da língua primitiva, mas também, o das fases que
10 o vocábulo passa até chegar a ser o padrão de uma língua nacional. No-
11 tamos ainda a importância do latim para o conhecimento da língua portu-
12 guesa, já que esta, à luz da linguística evolutiva, é um prolongamento da
13 língua do Lácio.

14 Inferimos a partir desta perspectiva que os estudos das especifici-
15 dades da língua latina ainda têm suma importância para todos aqueles
16 que querem ter um conhecimento mais aprofundado da língua portuguesa
17 bem como de suas irmãs e daquelas que beberam da sua fonte, tais como
18 o inglês.

20 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

21 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*: curso único e com-
22 pleteo. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

23 BAGNO, Marcos. *Gramática histórica do latim ao português brasileiro*.
24 Textos compilados, condensados e anexados. Brasília: Universidade de
25 Brasília, 2007.

26 COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 3. ed. Rio
27 de Janeiro: Acadêmica, 1954.

28 ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. 2 ed. rev. e aum. Rio
29 de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

30 GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Língua latina*. Curitiba: IESDE Brasil
31 SA, 2010.

32 MAURER Jr., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de
33 Janeiro: Acadêmica, 1962.

- 1 PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9. ed. São Paulo: Na-
2 cional, 1935. Disponível em:
3 <<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>>. Acesso em: 20-
4 01-2017.
- 5 STOCK, Leo. *Gramática de latim*. Trad.: António Moniz e Maria Celeste
6 Moniz. Lisboa: Presença, 2000.